

VILA MILITAR DO RIO DE JANEIRO: GENEALOGIA DE UMA PRODUÇÃO PÚBLICA DE MORADIAS?

Mariana Bonates
CAU - Universidade Federal de Campina Grande
marianabonates@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho investigou o plano urbano e a arquitetura das casas na Vila Militar do Rio de Janeiro, construída como parte de um processo de modernização institucional da força militar no início do século XX. Essa vila foi projetada como a primeira unidade autônoma do Exército brasileiro, composta por edifícios administrativos e residenciais, de ensino e treinamento, formando um conjunto, cujas obras iniciaram-se em 1908. Segundo McCann (2007), a Vila Militar do Rio de Janeiro foi planejada com o intuito de servir de modelo a ser seguido na construção de outras estruturas militares distribuídas no país, embora não tenha se viabilizado para além deste agrupamento, devido à falta de recursos. A materialização deste conjunto também tinha um papel pedagógico de inculcar novas noções de habitabilidade e espaço, assim como um papel simbólico de representar as transformações em curso na instituição e a emergência dos oficiais enquanto importantes atores políticos no contexto da Primeira República. Essas intenções podem ser interpretadas a partir de algumas rupturas entre a concepção das casas na Vila Militar e aquelas construídas no século XIX para o mesmo pessoal. Sendo assim, além de se tratar de uma narrativa sobre as características arquitetônicas e urbanas dessa vila, este trabalho também procurou identificar princípios e sujeitos, bem como transformações e permanências entre as produções residenciais militares do século XIX e XX. Ademais, constatou-se a atuação de sujeitos em comum com a idealização do Bairro Operário Marechal Hermes, considerado pela literatura como a “primeira ação do governo federal voltada para a construção de conjuntos habitacionais” (BONDUKI, 2014, p.38; FERNANDES, 2006). Com isso, este trabalho procurou contribuir para a construção de mais um capítulo da historiografia da produção da habitação da cidade, questionando a genealogia da atuação governamental brasileira na promoção de residências para os trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE: vila militar; concepção projetual; arquitetura e urbanismo.

MILITARY HOUSING IN RIO DE JANEIRO: THE GENEALOGY OF THE PUBLIC SECTOR PRODUCTION OF HOUSING?

ABSTRACT

This paper inquires the architecture and urban plan of the *Vila Militar do Rio de Janeiro*, a military housing that was built as part of the militaries' institution modernization process in the early decades of the 20th century. Designed to be the Army's first independent unit, it was built in 1908 and was composed by bureaucratic and residential buildings, military schools and training areas. According to McCann (2009), it was designed as a model, supposed to be reproduced throughout the country, although it was not effectively built elsewhere, due to lack of funds. The construction of this ensemble had a pedagogic function in the sense of infusing new notions of space and habitability, but also had a symbolic role of representing the institution's modernization and the officer's rise as an important political actor in the context of the First Republic. Those intentions can be interpreted based on some transformations that emerges when one compares the houses built in the *Vila Militar* and the 19th century military residential units. In sum, this paper describes the urban and architectural features of the *Vila Militar*, as well as it identifies principles, actors, transformations and remaining characteristics among the 19th and 20th century military housing production. Additionally, it was noticed that the same actors who idealized the *Vila Militar* did also idealized the *Marechal Hermes proletarian neighbourhood*, which is considered the first federal public action to built social housing in Brazil by the academic literature (BONDUKI, 2014; FERNANDES, 2006). Finally, this paper strives to contribute with one more chapter of Brazilian's history of urban and housing planning at the same time it questions the genealogy of governmental housing programs for the workers.

KEY-WORDS: Military housing. Design process. Architecture and urbanism

INTRODUÇÃO

Em 1914, o então presidente, Marechal Hermes, inaugurou o Bairro Operário Marechal Hermes, construído em terreno desapropriado do Exército pela União (OLIVEIRA, 2009). Para a literatura, esse conjunto residencial para trabalhadores pode ser considerado a primeira ação promovida pelo poder público federal no setor habitacional (BONDUKI, 2014; FERNANDES, 2006).

Todavia, em 1907, quando Marechal Hermes ainda era o Ministro da Guerra do governo de Afonso Pena, ele incentivou a construção da Vila Militar do Rio de Janeiro¹, como parte das ações de modernização da força militar nas primeiras décadas do século XX². Localizada em área próxima ao mencionado Bairro Operário, a Vila Militar foi planejada para sediar a recém-criada Primeira Brigada Estratégica³ e para ser um modelo a ser seguido na construção de outras estruturas militares distribuídas no país, embora a ideia não tenha sido implementada além da capital por falta de verba (McCANN, 2007).

Embora seja tratada como a primeira Vila Militar no sentido institucional, as casas desse conjunto não foram as unidades pioneiras construídas pela instituição. Antes da Vila Militar, as unidades residenciais se localizavam no interior ou nas proximidades de determinados estabelecimentos implantados isoladamente, como fortalezas ou escolas militares. Assim, se considerarmos as ações de construção de casas para os militares, a genealogia da produção pública de moradias pode estar relacionada com o provimento de residências de propriedade pública e alugadas para a categoria profissional dos membros da corporação militar. Essa produção ainda é desconhecida da literatura acadêmica e suscita vários questionamentos como: quais princípios guiaram a construção da Vila Militar do Rio de Janeiro? Como se caracterizou o plano urbano e a arquitetura das casas nesse agrupamento? Quais os sujeitos que atuaram na concepção do plano?

Diante do exposto, este trabalho investigou o plano urbano e a arquitetura das casas da Vila Militar do Rio de Janeiro. Outrossim, procurou identificar princípios e sujeitos, bem como buscou transformações e permanências entre as produções residenciais militares do século XIX e XX.

A partir de tais interesses de pesquisa, este trabalho se estruturou em duas seções. A primeira versou sobre os princípios e ideias que regeram a concepção do plano urbano, enquanto a segunda seção se concentrou na composição arquitetônica das casas construídas em 1908 na Vila Militar. É importante mencionar, por fim, que o estudo visou preencher uma lacuna historiográfica sobre essa tipologia no campo disciplinar da Arquitetura e Urbanismo, com o intuito de contribuir para a construção de mais um capítulo da historiografia da produção da habitação e da cidade.

O PLANO URBANO DA VILA MILITAR DO RIO DE JANEIRO

A Vila Militar do Rio de Janeiro seguiu os mesmos princípios higienistas e de circulação que dominavam a mentalidade dos engenheiros daquela época e que foram aplicadas em outras intervenções contemporâneas. Naquele contexto, os engenheiros eram considerados os agentes do progresso e aplicavam seus conhecimentos na cidade.

Em 1907 foi organizada a Comissão Constructura, responsável em planejar e executar a implantação da Vila Militar e composta por militares de diversas armas, inclusive, do corpo de engenheiros – além de artilharia e de infantaria⁴. Destacou-se nessa comissão o Segundo-Tenente Magalhães Bastos, “responsável por dirigir todos os trabalhos do escritório técnico, desde o início da Comissão, organizando os diversos projetos e calculando toda a estrutura metálica das casas e quartéis”⁵, com “todas as condições de higiene, comodidade e conforto”⁶ (EXÉRCITO, [s.d], p.10). Também era membro da Comissão o Tenente-engenheiro Palmyro Serra Pulcherio⁷, que projetou o Bairro Operário Marechal Hermes, indicando mais uma relação da Vila Militar com esse agrupamento.

Assim, não é de se surpreender que muitos princípios de concepção urbana da Vila Militar fossem semelhantes aos princípios compositivos do Bairro Operário. O plano urbano desse bairro se caracterizou por um traçado ortogonal com

1 As obras iniciaram-se em 1908.

2 O exército enfrentou nas primeiras décadas do século XX a necessidade de modernizar sua força, incluindo desde a reforma do ensino militar, a implementação do serviço militar obrigatório, até a construção de estruturas para abrigar o novo efetivo que se formaria, como a Vila Militar e uma série de quartéis. Entre 1921 e 1925 um programa de construção de quartéis em todo o país planejou a construção de 53 obras em 36 localidades pela Companhia Construtora de Santos, presidida por Roberto Simonsen (ver Simonsen, 1931).

3 As Brigadas Estratégicas correspondiam a um nova organização do exército criada em 1908 e eram formadas por um conjunto de regimentos, cada qual composto por edifícios de diferenciados usos como “quartel, escritório, enfermaria e oficinas, além de casas individuais para oficiais e sargentos” (McCANN, 2007, p.144-145). A vila militar, nesse sentido, era entendida em sentido institucional e pode ser considerada um agrupamento pioneiro para abrigar uma nova organização espacial do Exército.

4 Em 1909 a Comissão Constructura passou a ser constituída apenas por oficiais de Engenharia (EXÉRCITO, [s.d]).

5 JÚNIOR, Antônio Leite de Magalhães Bastos. Tem. Cel. Pasta de alterações arquivada no Arquivo Histórico do Exército: Fé de Ofício, pasta nº I-22-45. [S.l.:s.n.], [S.D.] (apud EXÉRCITO, [s.d]).

6 BRASIL. Ministério da Guerra. Ordem do Dia nº 52, de 25 de setembro de 1907. p.1105-1106 (apud EXÉRCITO, [s.d]).

7 Segundo Oliveira (2009, p.77), Palmyro Serra Pulcherio (1892-1914) “iniciou sua carreira militar como 1º tenente da arma de Engenharia. Por portaria do Ministro da Guerra, em 1907, foi nomeado auxiliar da Comissão construtora da Vila Militar. Em junho de 1911, foi posto à disposição do prefeito do Distrito Federal [...] para executar a construção de planos de construção das vilas operárias. Em fevereiro de 1914, o então Ministro da Guerra pede ao prefeito do Distrito Federal que dispense o tenente Pulcherio da Comissão da construção das vilas operárias”. No mesmo ano Magalhães Bastos também deixou de ser membro da citada comissão.

uma grande via arborizada, ao longo da qual foram implantadas as praças e os principais equipamentos coletivos, partindo da estação de trem em sentido perpendicular a ela. No centro do plano foi projetada uma grande área livre circular, atravessada pela via principal e onde foram construídas escolas profissionalizantes ao seu redor, segundo Bonduki (2014). Além disso, previa 1.350 casas, embora apenas 165 residências tenham sido construídas durante a gestão de Hermes (idem, 2014).

A Vila Militar, por sua vez, era formada por ruas retilíneas, uniformes e largas, como era preferencialmente adotado pelos engenheiros nas intervenções daquela conjuntura. O traçado ortogonal se estruturou a partir de um eixo viário principal, ao longo do qual se desenvolveu uma ocupação linear⁸ (Figura 1). Por se tratar de “uma parte da Villa”, conforme identificação no próprio desenho⁹, o plano sugere a possibilidade de prolongamento daquela avenida, marcando sua configuração axial. Apesar disso, a proposta original prezava pela centralidade dos equipamentos coletivos, com a distribuição simétrica das praças, princípio também verificado no Bairro Operário com a praça circular. A abundante arborização também era elemento marcante no plano da Vila Militar e o paisagismo tinham a função de tornar a “vila aprazível”, segundo informações publicadas na Ordem do dia no Ministério da Guerra¹⁰.

No caso da Vila Militar, a avenida principal proporcionava um zoneamento ou segregação de funções em que de um lado foram implantadas as áreas residenciais, áreas verdes ou praças públicas, um edifício administrativo e um “casino”; ao passo que do outro lado da via destinaram-se as áreas para atividades militares com edifícios para armazenamento, treinamento, entre outros – deduzidos em virtude da configuração em forma de pavilhão das edificações, bem como da observação das condições atuais¹¹.

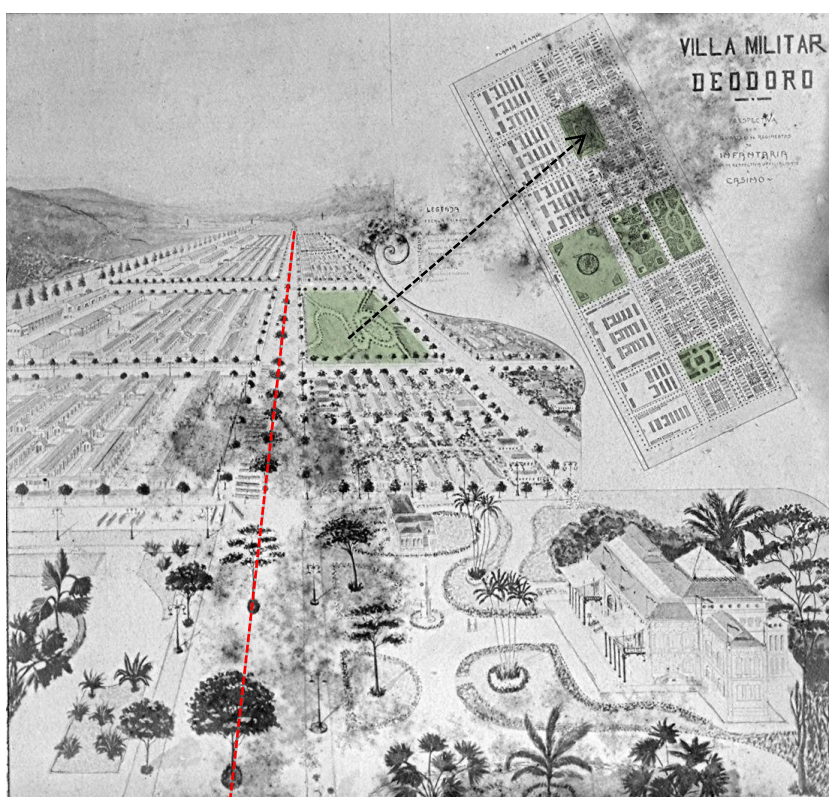


Figura 1 – Visão ampliada da perspectiva da Vila Militar, com a Avenida Duque de Caxias marcada com o tracejado vermelho. Fonte: AHEx (In: Comissão Constructora da Villa Militar, 1909). Coletado em jun-2012. Nota: editada pela autora.

Mais um elemento estruturador da Vila Militar, mas não representado no desenho, foi o eixo axial da via férrea, disposto paralelamente ao eixo viário principal, diferentemente do Bairro Operário Marechal Hermes em que a via principal partia perpendicularmente da estação de trem. A estação da Vila Militar foi inaugurada em 1910 e se situava em posição centralizada no projeto, juntamente com o edifício administrativo e o “casino”. Em referência ao caráter militar da área, sua arquitetura remetia a um castelo fortificado, como observado por Rodriguez (2004), devido à predominância das torres de observação e ao terraço balaustrado. Como a Vila foi implantada em local periférico, o trem constituía o mais rápido meio

8 Este eixo é atualmente parte da Avenida Duque de Caxias.

9 A imagem é intitulada como “Perspectiva de uma parte da Villa” e foi encontrada no relatório organizado pela Comissão Constructora da Villa Militar, em 1909, o qual continha 44 fotografias anexas com as principais realizações da empreitada. Além do projeto urbano, o registro fotográfico contemplou as obras de terraplanagem até a construção dos principais edifícios, incluindo os tipos residenciais pioneiros. Este relatório foi coletado no Arquivo Histórico do Exército (AHEx), no Rio de Janeiro em junho de 2012.

10 BRASIL. Ministério da Guerra. Ordem do Dia nº 52, de 25 de setembro de 1907. p.1105-1106 (apud EXÉRCITO, [s.d], p.15).

11 Este projeto passou por algumas alterações, haja vista que ao longo da área reservada ao uso residencial hoje se observa a implantação de um hospital onde estava prevista uma das praças. Outras modificações foram constatadas como a substituição das unidades unifamiliares por unidades multifamiliares, a construção de um centro comercial em uma das quadras residenciais, etc.

de acesso¹² mas, ainda assim, houve a necessidade de construção de casas militares próximas às estruturas de trabalho¹³. Inclusive, esse era o pensamento dominante na concepção de muitas vilas operárias naquele mesmo período.

A construção de núcleos industriais entre fins do século XIX e início do século XX no Brasil se baseava nos princípios de autonomia, isolamento e divisão social do espaço (através da separação física ou diferenciação formal no projeto, além da segregação dos solteiros), juntamente com a filosofia de agrupar o local de trabalho com a moradia (CORREIA, 2009). Com isso, as empresas buscavam assegurar o controle, a doutrinação e disciplinamento dos funcionários (de tempo e lazer), considerados elementos fundamentais para a eficiência da indústria. Esses princípios também foram aplicados na Vila Militar do Rio de Janeiro, porém não no Bairro Operário de Marechal Hermes, já que não se tratava de uma unidade operacional, apenas um bairro residencial. Sendo assim, as analogias entre as vilas militares e as vilas operárias não se resumiam tão somente à terminologia, mas também às necessidades em comum para o bom funcionamento das organizações, produzindo, por fim, espacialidades semelhantes. Ambas as vilas marcavam uma forma de habitação para o trabalhador que se destacou no início do século XX, juntamente com as vilas rentistas.

Além do acesso, a via férrea desempenhava uma barreira entre os usos, à maneira da avenida principal: de um lado da linha do trem foram implantadas as estruturas funcionais de trabalho e a zona residencial da vila dos oficiais; na outra margem da ferrovia estava a vila dos sargentos que só seria construída no final da década de trinta¹⁴.

A área residencial dos oficiais era caracterizada por quadras retangulares, porém de diferentes comprimentos. As quadras também foram projetadas com alguns elementos inovadores para o contexto, como a tendência em não lotear todo o quarteirão, destinando-o com algumas áreas verdes¹⁵. Em outras palavras, algumas quadras apresentavam no seu centro uma área arborizada para os moradores, outras tinham, além disso, alguns lotes vazios também arborizados, permitindo o acesso da via principal ao centro do bloco¹⁶. É evidente que essa proposição só foi possível por se tratar de uma ação sem fins lucrativos para alojar um grupo profissional, diferentemente dos interesses que guiaram a produção rentista – isto é o maior aproveitamento dos terrenos com a finalidade de se obter maior rentabilidade.

Outrossim, percebeu-se diferentes tamanhos dos lotes. A maioria continha generosas dimensões – aproximadamente 800m² (chegando a lotes com mais de 1.000m²) –, dentro das quais as habitações ocupavam pequenas porções e eram implantadas em meio ao jardim. Essa forma de implantação, possibilitada pela introdução e progressiva ampliação dos recuos, passou a se estabelecer na construção de residências entre 1900 e 1920, consolidando-se em período posterior, como identificado por Reis Filho (2006). Não obstante, as casas construídas no Bairro Operário poucos anos depois da Vila Militar continuavam sendo geminadas nas laterais, acrescentando apenas o recuo frontal, assim como muitas vilas operárias da época que sequer tinham qualquer recuo, seguindo a tradição colonial de implantação e a tendência de maior aproveitamento do lote. A Vila Militar trazia, portanto, uma nova espacialidade para o conjunto de moradias destinadas aos trabalhadores, consubstanciada no discurso higienista de iluminação e ventilação em todos os cômodos das residências. Na verdade, não se tratava de qualquer trabalhador, mas de oficiais que eram a imagem e semelhança da instituição e, por extensão, deveriam também representar o país. Oficiais que se reconheciam como classe emergente e veículos de modernização no século XX, portanto, representando isso nas suas novas moradias e rompendo com o processo de concepção das casas militar do século XIX, de caráter mais colonial. É interessante mencionar, ainda, que o discurso higienista foi institucionalizado no cotidiano da corporação por meio de uma norma para o uso e a ocupação das residências do Exército em 1909: o *Regulamento de higiene e conservação das casas dos batalhões destinadas a residências dos oficiais*¹⁷.

Ressalta-se, enfim, que o plano urbano da Vila Militar não foi viabilizado conforme projetado, assim como o Bairro Operário Marechal Hermes. As quadras residenciais na Vila Militar não foram construídas na sua totalidade, o que revela a dificuldade em se concretizar os planos habitacionais naquele contexto marcado pelo liberalismo em que a intervenção pública no setor habitacional foi duramente criticada. Ademais, vale mencionar o papel de Hermes da Fonseca, enquanto promotor das iniciativas na Vila Militar e no Bairro Operário, bem como a atuação de Palmyro Serra Pulcherio, que pode ter sido o responsável em imprimir composições espaciais semelhantes nos dois agrupamentos¹⁸.

12 Segundo McCann (2007, p.144), a Vila Militar se localizava aproximadamente 15km da capital.

13 Em 1919, a construção de casas para os militares era vista como um incentivo à carreira militar pelo General Maurice Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa (MMF) que atuou no Brasil entre as décadas de 1920 e 1940, prestando consultoria para o Exército brasileiro.

Também se pode argumentar sobre a necessidade de controle e eficiência que a proximidade com o ambiente de trabalho proporcionava.

14 Informação reforçada pelos registros fotográficos e a confrontação destes com a situação atual.

15 Apesar da legibilidade comprometida, ao se aproximar a imagem do plano urbano, é possível inferir essa tendência em não lotear toda a quadra.

16 É difícil mensurar a quantidade de lotes, diante dos problemas de legibilidade. Entretanto, comparando os desenhos com a situação atual – mesmo que o projeto não tenha sido construído tal como planejado – fez-se uma estimativa com a possibilidade de lotear todas as quadras residenciais sem os possíveis espaços verdes, chegando-se a um número de 18 lotes por quadra, o que totalizaria 288 terrenos.

17 Publicado no Boletim do Exército (BE 22, pp.611-614), em 15 de dezembro de 1909, ou seja, aprovado um ano após o início das obras na Vila Militar.

18 Segundo Fernandes (2006), Hermes visitou a Alemanha e a França entre 1908 e 1910, quando “tratou e se informou sobre problemas ligados à modernização dos exércitos europeus, inovações da grande indústria ‘inclusive plantas e informes urbanísticos relativos a vilas operárias’” (FONSECA FILHO, 1961, apud FERNANDES, 2006).

A ARQUITETURA DA VILA MILITAR E SUAS ANTECEDENTES

Se no plano urbano verificou-se a adoção de princípios modernos, como zoneamento das funções, equipamentos coletivos, princípios de higienismo e de circulação, a construção das casas na Vila Militar foi desenvolvida a partir da técnica da standardização de dois tipos.

A produção de unidades em série é uma prática adotada para a construção de casas militares antes mesmo da Vila Militar. No século XIX, os projetos residenciais para os membros da corporação apresentavam casas produzidas uniformemente e de uma arquitetura austera, sem qualquer tipo de ornamento, com materiais tradicionais e organização espacial baseada no esquema colonial do corpo principal e puxado¹⁹. O corpo principal continha uma configuração mais larga e alongada, dentro da qual se estruturava uma série de ambientes sociais e íntimos, integrados entre si devido à ausência do corredor, logo demandando a necessidade de se transitar de um ambiente para o outro. Já o puxado, em geral um apêndice de menor largura e localizado ao fundo da edificação, abrigava predominantemente as áreas molhadas (cozinha e banheiros), mas também poderia abrigar outros pequenos cômodos (como quarto de engomar ou “quarto de creada”, além da despensa); configurava-se, enfim, como um volume de serviços das residências, onde função e forma estavam claramente separados do corpo principal.

A produção serial das unidades do século XIX se manifestava na repetição da mesma unidade e da mesma fachada no conjunto edificado. Distinções de patentes hierárquicas poderiam ocorrer em casas de maiores dimensões na extremidade do renque de unidades geminadas ou com a construção de casas isoladas. Em 1872, por exemplo, a Escola de Tiro do Campo Grande projetou um conjunto de onze casas geminadas para oficiais e major seguindo o mesmo tipo e que não se diferenciavam visualmente exceto pela dimensão: apenas a unidade na extremidade do conjunto possuía uma frente maior que as demais – possivelmente era a unidade destinada ao major. Além disso, projetou-se uma residência isolada para o comandante, com organização espacial diferenciada que incluía um vestíbulo, porão alto e uma estética um pouco mais elaborada que o conjunto geminado (Figuras 2 e 3). Assim, a distinção das unidades por patente já era evidenciada.

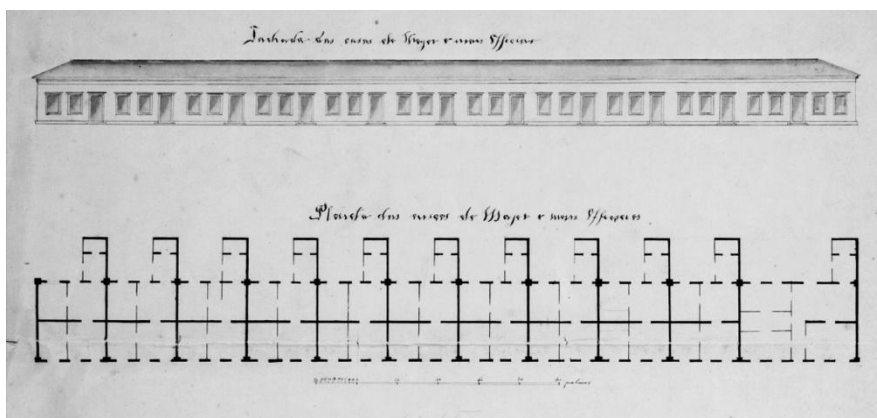


Figura 2 – Projeto de um conjunto de casas para major e oficiais da Escola de Tiro do Campo Grande, de 1872. Fonte: AHEx (coletado em jun-2012).

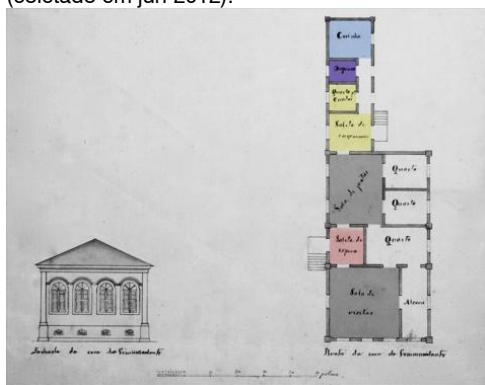


Figura 3 – Projeto de casa para comandante da Escola de Tiro do Campo Grande, de 1872. Fonte: AHEx (coletado em jun-2012).
Nota: editada pela autora.

Situação quase idêntica foi visualizada no projeto de residências para a Escola de Tiro de Realengo em 1881, quando também se projetou um conjunto de onze casas geminadas com organização espacial muito semelhante ao conjunto de Campo Grande – embora apresentasse maior subdivisão de cômodos. Já em 1882, foram projetadas casas geminadas apenas em duplas para a Fortaleza de São João, mas mantendo-se o esquema configuracional do corpo principal e puxado. Outras unidades geminadas em duplas foram construídas em 1887 para as casas de oficiais na Fortaleza de

¹⁹ Este esquema foi constatado por Hidaka (2000) ao analisar a ampla literatura sobre a casa colonial brasileira e, em particular, os tipos da habitação civil não excepcional no Centro Histórico de Belém.

Santa Cruz, as quais passaram a incorporar nas fachadas os elementos do repertório formal dos chalés, como os telhados em duas águas e arrematado por lambrequins para esconder as telhas, além de um óculo (*Figura 4*). A mudança também se deu na configuração espacial que passou a ser um volume retangular único, suprimindo o puxado, cujas funções foram incorporadas ao corpo principal. Percebe-se, com esses quatro exemplares, um contínuo processo de transformação da implantação, com a progressiva introdução dos recuos (do renque de casas para unidades geminadas em duplas, até casas isoladas) e da organização espacial das residências, com a introdução de mais cômodos e de uma copa como se verá.

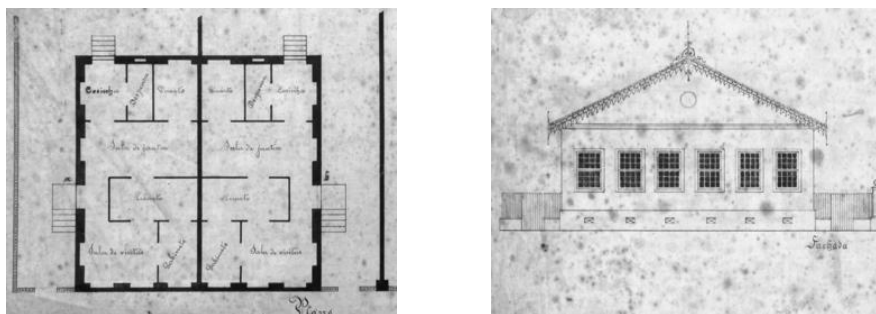


Figura 4 – Projeto de um conjunto de casas para oficiais na Praça exterior da Fortaleza de Santa Cruz, de 1887. Fonte: AHEx (coletado em jun-2012).

Com a construção da Vila Militar, uma nova arquitetura para as casas dos oficiais também foi proposta ou, pelo menos, uma nova imagem foi construída (*Figura 5*). O anseio pelo novo foi imediatamente aplicado na nova implantação, higiênica, e na estética das casas, cujas fachadas serviram enquanto veículo de representação de uma classe social emergente e que apoiava a modernização da instituição e do país, por conseguinte. A organização espacial, por outro lado, manteve-se vinculada ao esquema colonial, o que ilustrou a dificuldade em mudar costumes cotidianos, a despeito do desejo por mudanças políticas rápidas, como almejado pelos militares. Não obstante, verificou-se algumas mudanças na planta baixa como a introdução de uma copa, criando um espaço de transição entre o corpo principal e o puxado. Em contraposição, o primeiro quartel da Vila Militar apresentava uma arquitetura mais austera, sem muitos elementos decorativos – salvo alguns frisos e molduras das esquadrias – e construído com estrutura metálica²⁰ (*Figura 6*).



Figura 5 – Imagem intitulada “Casas para officiaes”. Fonte: AHEx (In: Comissão Constructora da Villa Militar, 1909). Coletado em jun-2012.

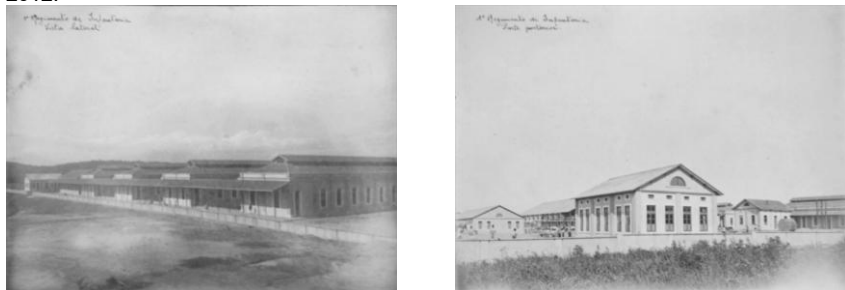


Figura 6 – Vista lateral (esq.) e posterior (dir.) do 1º Regimento de Infantaria, que foi o primeiro quartel construído. Fonte: AHEx (In: Comissão Constructora da Villa Militar, 1909). Coletado em jun-2012.

²⁰ Segundo informações constantes em JÚNIOR, Antônio Leite de Magalhães Bastos. Tem. Cel. Pasta de alterações arquivada no Arquivo Histórico do Exército: Fé de Ofício, pasta nº I-22-45. [S.l.:s.n.], [S.D.] (apud EXÉRCITO, [s.d]).

Inicialmente foram construídos na via principal²¹ da Vila Militar dois tipos edifícios²² bem definidos funcional e esteticamente: o tipo 01, que incorporava elementos ecléticos, tinha menor dimensão e foi implantado nos lotes de gaveta, enquanto o tipo 02, com características que remetiam a um chalé, foi implantado nas esquinas das quadras (Figuras 7 e 8). Os dois tipos possuíam organização espacial muito semelhantes, ainda arraigadas na tradição do esquema corpo principal e puxado, com programa de necessidades distribuído em um único piso. Esses dois corpos eram conectados por um espaço de formato quadrangular denominado “copa”, com a função de distribuição de ambientes, assemelhando-se a um corredor, mas com aproximadamente 9m² de área construída, onde outras atividades também poderiam ser desenvolvidas²³. Em termos de área construída, o tipo 01 e 02 variavam entre 180 a 260m², respectivamente, e se diferenciavam em função do número de ambientes. Salienta-se que mais do que uma proposta de variação na paisagem, os dois tipos na Vila Militar poderiam refletir diferentes patentes hierárquicas – embora não se tenha encontrado registros que corroborem tal afirmação.

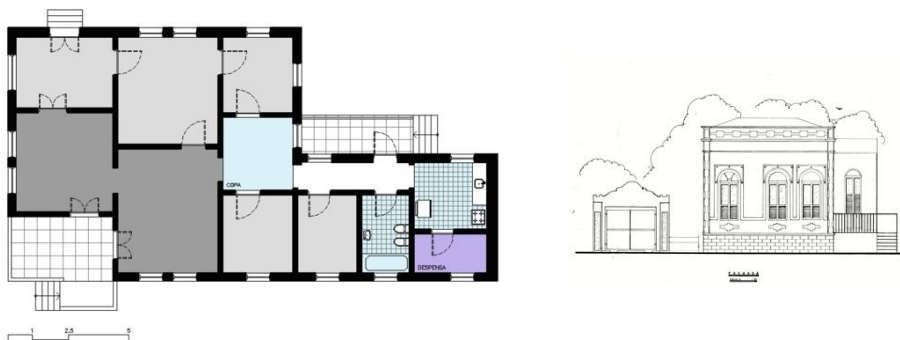


Figura 7 – Planta baixa Tipo 01 (182m²) e respectiva fachada. Fonte: CRO-1 (Comissão Regional de Obras-1) (coletado em jun-2012). Nota: projeto redesenhado pela autora.



Figura 8 – Planta baixa Tipo 02 (242 a 259m², a depender da existência da varanda posterior) e respectiva fachada. Este tipo foi identificado nas esquinas das quadras dispostas na Av. Duque de Caxias. Fonte: CRO-1 (Comissão Regional de Obras-1) (coletado em jun-2012). Nota: planta baixa redesenhada pela autora.

A fachada do tipo 01 se inspirava nos palacetes ecléticos que representavam o modo de “morar à francesa” – inicialmente restrito às classes mais aquinhoadas, mas depois difundido entre as classes médias. As casas ecléticas eram marcadas por elementos do repertório formal de inspiração clássica e especialmente por materiais importados e industrializados construídos de ferro (fundido ou forjado), que alcançavam maior expressividade visual e plástica nos alpendres (Figura 7). Assim, além da apropriação desses elementos, o tipo 01 apresentava telhado em quatro águas com a presença de um transepto conferindo maior complexidade à estrutura formal da residência.

21 Confrontando-se o material iconográfico registrado pela Comissão Constructora da Villa Militar, de 1909, com as fotografias atualizadas e o levantamento dos projetos arquitetônicos na Comissão Regional de Obras nº 1 (CRO-1) e nas dependências da 1ª DE, constatou-se a existência de dois tipos edifícios pioneiros, dispostos nas duas quadras à esquerda da 1ª DE (olhando-se de frente). Outras residências, localizadas nas demais quadras, revelam características semelhantes, mas não se encontrou registro para afirmar se são contemporâneas à década de 1910, portanto, não foram aqui exploradas. Quanto à análise da planta baixa, é importante salientar que os projetos arquitetônicos coletados não são os originais do período de construção, mas levantamentos realizados na década de 1970 para fins de gestão do exército. Por esse motivo, alguns projetos ilustram reformas na organização espacial das casas. A busca pela planta original foi realizada a partir de uma análise comparativa entre os levantamentos, a fim de identificar os projetos com menor grau de intervenção, portanto, mais aproximados da situação proposta.

22 O tipo é aqui entendido enquanto uma residência com organização espacial e estética própria. Isto é, não assume a aceção de uma ideia vaga, tampouco pode ser considerado um modelo a ser fidedignamente copiado, já que permitia modificações de fins estéticos ou organizacionais sem comprometer a semelhança com o projeto original.

23 Devido às dimensões deste ambiente (2.90 x 3.00m), pode-se interpretar que esta “copa” das casas militares poderia ter uma função semelhante à “varanda” da casa térrea colonial, que era o local onde uma série de atividades eram realizadas pela sua posição de distribuidor de funções, “verdadeiro nó viário”, ocupando um importante papel nas casas da classe média paulistana até o início da Primeira Guerra Mundial, segundo Lemos (1999, p.24).

O tipo 02 também se apropriou dos elementos arquitetônicos de ferro nos alpendres²⁴, bem como dos elementos decorativos de inspiração greco-romana, mas diferenciava-se pois remetia a um chalé²⁵ (Figura 8). Caracterizava-se pela fachada frontal triangular que acompanhava a inclinação do telhado em duas águas, cujo frontão, em geral, era marcado pela presença de um brasão no lugar de um óculo central. Um exemplar apresentou elementos em estuque em forma de tijolos ao redor das esquadrias ou nas esquinas das residências, conferindo uma estética mais pitoresca. A cobertura também foi projetada com transepto, igualmente arrematada com um frontão triangular. É interessante observar que o tipo chalé foi implantado nas esquinas das quadras da Avenida Duque de Caxias, como numa tentativa de homogeneizar as duas fachadas frontais com o mesmo elemento formal do telhado.

Embora o chalé possa ser relacionado com um padrão arquitetônico mais nórdico – inclusive, germânico – o exemplar militar não apresentava nenhuma outra característica construtiva que o vinculasse com aquele padrão cultural-geográfico; pelo contrário, mantinha-se mais diálogo com as técnicas construtivas francesas, aproximando-se da tendência eclética. Percebe-se, portanto, o predomínio da influência francesa na cultura brasileira, materializada arquitetonicamente nos primeiros exemplares residenciais na Vila Militar, embora a instituição militar vivenciasse naquela conjuntura trocas mais intensas com a Alemanha²⁶ do que com a França.

Em relação ao corrimão das escadas dos alpendres, algumas residências foram construídas com elementos de ferro, outros com elementos imitando troncos de árvore, numa referência ao “pitoresco”²⁷. Outras formas de variação foram evidenciadas a partir da diversificação dos elementos decorativos em estuque nas fachadas.

É interessante perceber que os elementos ecléticos foram adotados na construção das casas no Bairro Operário Marechal Hermes que apresentou vários tipos de casas construídos com dois pavimentos, estrutura de concreto armado e tesouras metálicas no telhado, segundo Freitas (2005). Relatos indicam que as casas na Vila Militar também foram construídas com tesouras metálicas no telhado, conforme já mencionado, o que constituía um método construtivo bastante inovador para o período.

Resumindo, pode-se afirmar que os dois tipos da Vila Militar foram concebidos a partir de um processo standardizado de concepção, com plantas baixas muito semelhantes e facilmente adaptadas em si. Além da tentativa de standardização e da variação tipológica é interessante perceber uma possível prática de variação dentro de cada tipo. Isso significa que cada planta baixa poderia sofrer variações estéticas – essas variações poderiam ser mudanças no tratamento das fachadas e até alterações de coberturas (telhados aparentes ou platibandas). Hoje, ao se caminhar pela Av. Duque de Caxias, não é possível encontrar duas casas iguais, apesar das semelhanças na configuração volumétrica e da localização das esquadrias – no entanto, devido à ausência de mais registros, é difícil comprovar a gênese dessa variação: se efetivamente fez parte do processo de concepção ou se foi fruto de reformas posteriores (Figura 9). O fato é que a paisagem criada ia de encontro à aparência homogênea de uma produção serial que, naquele momento, estava mais relacionada às representações das habitações operárias do que àquelas que os oficiais buscavam representar.



Figura 9 – Diferentes formas de telhados e elementos estéticos das fachadas de três casas vizinhas, situadas nos lotes no meio de uma quadra na Av. Duque de Caxias. Reparar a mesma configuração volumétrica e relação de cheios e vazios com as esquadrias, o que pode ser interpretado como pertencentes ao tipo 01. Outra importante observação se deve à forma de implantação variada, de modo que as duas à esquerda se repetem, mas a implantação à direita é espelhada em relação às outras duas, marcando mais uma estratégia de variação. Fonte: foto da autora (2012).

24 A absoluta maioria dos exemplares hoje em dia não possui elementos de ferro nos alpendres, mas é possível que tenham sido substituídos.

25 Para alguns autores, o chalé seria uma variação do ecletismo, enquanto que para outros, como Reis Filho (2006), o chalé constituía uma filiação estilística própria que foi descrita separadamente dos edifícios de arquitetura eclética. Para Correia (2014), o chalé, juntamente com o bungalow americano e o cottage, fazia parte da “estética do pitoresco”, devido a adoção de elementos rústicos na sua composição. Mais especificamente, o chalé reunia elementos da linguagem clássica (frontão, óculo, etc.) e da arquitetura campestre (telhado, elementos de madeira, etc.), motivo pelo qual se optou, neste trabalho, em isolar o chalé como categoria estilística independente do eclético.

26 Inicialmente, as trocas internacionais militares se estabeleceram com o envio de oficiais para servirem arregimentados no exército alemão entre 1906 e 1912. Depois da Primeira Guerra Mundial e a derrota alemã, os interesses militares brasileiros transferiram-se para acordos de cooperação com o exército francês com a MMF.

27 “Movimento romântico, surgido, como o Ecletismo, em fins do século XVIII. À sua influência poderiam ainda ser atribuídos outros elementos característicos da arquitetura do século XIX e mesmo do atual, como a preocupação com as composições assimétricas, com as relações entre o edifício e a natureza circundante, com a arquitetura rural mas sobretudo com os ‘exotismos’, isto é, com as influências culturais chinesas, iranianas, hindus e japonesas, que frequentemente são levadas apenas à conta do Ecletismo” (REIS FILHO, 2006, p.184).

Na década de 1930, a Vila Militar recebeu novas moradias isoladas nos lotes, seguindo as tendências arquitetônicas daquela nova conjuntura, isto é, sob inspiração do estilo missões, do discurso neocolonial ou se apropriando de elementos do Art Déco. Configurava-se, portanto, como um novo tipo (com nova organização espacial e diferente composição estética). Ademais, foi nessa década que, além de casas para oficiais, projetou-se também um conjunto residencial para sargentos do outro lado da linha férrea, conforme já mencionado. Essas casas, por sua vez, foram construídas em série e a partir de um único tipo, gerando uma paisagem uniforme e contrariando os princípios aplicados no conjunto dos oficiais. Ao longo dos anos, outros tipos foram construídos, seguindo, em grande medida, a estética em voga do contexto e marcando o contínuo planejamento por etapas de construção de moradias militares.

CONCLUSÃO

O conhecimento da Vila Militar coloca em xeque a afirmação de que o Bairro Operário de Marechal Hermes tenha sido a primeira intervenção estatal na produção de moradias (FERNANDES, 2006; BONDUKI, 2014). Apesar de ter sido uma ação muito restrita em termos numéricos e a um seletivo grupo profissional – como praticado posteriormente pelas Caixas e Institutos de Aposentadoria e Pensões (CAPs e IAPs) – não deixa de ser uma ação promovida por uma instituição estatal; a única que mantinha a unidade do território brasileiro até 1937, de acordo com McCann (2007). Entretanto, não foi intenção deste trabalho discutir as origens da intervenção pública na produção habitacional, apenas revelar mais uma instituição que atuou nesta seara e cujo estoque de moradias se mantinha desconhecido no meio acadêmico. Com isso, este trabalho é apenas um capítulo sobre a história das vilas militares e, numa perspectiva mais ampla, parte da história da produção da habitação e da cidade.

Discutir o seu pioneirismo parece ser mais irrelevante do que apresentar as inovações aplicadas na concepção da Vila Militar do Rio de Janeiro. Inovações que, em grande medida, se destacavam no cenário de produção habitacional para a classe trabalhadora daquele momento – ou seja, das vilas operárias e vilas rentistas. As novidades aplicadas na concepção desse conjunto militar estavam relacionadas com o papel desempenhado pelos oficiais de crescente envolvimento no cenário político da Primeira República. Os oficiais faziam parte de grupo formado por profissionais liberais urbanos, como médicos, engenheiros e educadores, os quais, guiados pelas ideias de progresso e de renovação, passaram a questionar o quadro político comandado pelo grupo aristocrático assentado na economia agrícola. As ações daqueles profissionais se tornaram veículos de modernização e assumiram um papel pedagógico na sociedade. Os oficiais também tinham uma função educadora através das escolas militares e porque acreditavam que os quartéis eram lócus da educação e civilidade. Portanto, além da função operacional, a construção de novas estruturas, adequadas, higiênicas e salubres, também teria um papel didático de inculcar novas noções de habitabilidade e espaço.

Nessa conjuntura, não é de se surpreender que o plano urbano da Vila Militar fosse concebido com base em ideias modernas de planejamento, circulação, salubridade, ampla vegetação, zoneamento, equipamentos coletivos (em posição centralizada) e standardização das edificações a partir de dois tipos edilícios. Tanto a configuração axial quanto a repetição dos tipos indicavam um planejamento que considerou a possibilidade de extensão e reprodução do conjunto de modo fácil e eficiente. Por outro lado, a concepção da Vila Militar também se baseou em princípios característicos dos núcleos industriais, como o isolamento e a divisão social do espaço, assegurando o funcionamento das organizações e marcando uma espacialidade em comum com as vilas operárias. O princípio moderno do zoneamento assumia um papel de divisor socioespacial no espaço, atendendo às necessidades institucionais.

A modernização na concepção das casas na Vila Militar, por sua vez, se fez presente na forma arquitetônica e na implantação, com unidades isoladas no lote, projetadas com base no discurso higienista de iluminação e ventilação em todos os cômodos. Era preciso modernizar o morar, além de se aproximar da representação material de uma classe social mais abastada. Assim, romperam com a estética austera, adotaram tendências estilísticas em voga e materiais construtivos mais avançados, como a estrutura metálica nos telhados e em alguns alpendres. Por outro lado, a mudança na organização espacial precisou levar algumas décadas para se completar – apesar da introdução da copa. Resumidamente, em termos de implantação e estética, as casas da Vila Militar guardavam mais diferenças do que continuidades com as suas antecessoras do século anterior. Também se diferenciavam da produção de moradias para os trabalhadores civis, cujas unidades eram predominantemente de implantação colonial.

A Vila Militar fez uso da técnica da serialização da produção, como tradicionalmente empregado na construção de casas militares no século XIX. A serialização estava relacionada com a necessidade de reduzir o custo da moradia, motivo pelo qual havia uma tendência por uma composição arquitetônica mais sóbria e com menos elementos decorativos. Na contramão do que se imaginava ser uma produção serial naquele contexto, a produção dos dois tipos na Vila Militar manteve uma profusão de elementos decorativos e minimizou o efeito uniforme com uma estratégia de variação de tipos e entre os tipos, a qual estava relacionada com algumas necessidades da instituição – de representar as distintas patentes, diferentes batalhões e temporalidades.

Com base no exposto, pode-se interpretar que os militares à frente da Comissão Construtora estavam atentos às discussões sobre urbanismo e arquitetura da sua época, oferecendo um modelo espacial que simbolizasse a modernização institucional do exército e se opunha à cidade e à arquitetura colonial. Além disso, buscaram ressaltar o papel dos oficiais no cenário sociopolítico do país – haja vista que a estética das casas construídas para essa patente hierárquica representava uma classe emergente. O projeto também indicava um novo modo de construir que pudesse ser reproduzido em outros recantos do país pela corporação e que também poderia ter uma função educadora, ao se apresentar construções salubres. Enfim, as imagens que os militares buscavam representar foram materializadas nas suas

casas, mas não no primeiro quartel construído na Vila que continuou seguindo uma arquitetura de traços mais simples, privilegiando a austeridade.

É importante salientar que, embora as casas na Vila Militar não constituíssem a origem de residências para os militares, sua forma de produção foi pioneira. A Vila, tal como planejada, foi o primeiro conjunto construído a sediar uma Brigada Estratégica, e as casas introduziram novas noções de salubridade, em sintonia com as tendências estéticas daquele momento. Ademais, este projeto sedimentou princípios compositivos que se institucionalizaram e marcaram o desenvolvimento histórico da produção das vilas militares ao longo do século XX, especialmente nos anos cinquenta e sessenta, como a primazia pelos traçados mais ortogonais, a divisão socioespacial do espaço, a tentativa de standardizar as unidades em projetos-tipo e o planejamento por etapas.

Enfim, embora essa vila não tenha sido reproduzida como modelo, sua relevância não pode ser obscurecida, uma vez que se trata de um dos principais estabelecimentos da corporação, contendo um conjunto edificado cujas características urbanas e arquitetônicas se mantêm conservadas até os dias atuais, como um retrato de outrora.

REFERÊNCIAS

- Bonduki, Nakil. Os pioneiros da habitação social no Brasil: volume 01. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp: Edições Sesc, 2014.
- Correia, Telma de Barros. "A iniciativa privada e a transformação do espaço urbano e do território: Brasil, década de 1950". XIII Encontro da Associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional (XIII ENANPUR). Florianópolis: 2009.
- _____. "A cidade-jardim: os conjuntos residenciais de fábricas" (Brasil, 1918-1953). Anais do Museu Paulista. São Paulo, Vol.22, No.1, jan-jun, 2014, 161-198.
- Exército Brasileiro. Revista da exposição cultural do Centenário da 1ª Divisão de Exército e Vila Militar. [s.d].
- Fernandes, Nelson da N. "Os militares e o espaço urbano do Rio de Janeiro: um programa de pesquisa em geografia urbana e geopolítica". In: Scripta Nova, v.X, n.218, 2006.
- Freitas, Maria Luiza de. O "Lar Conveniente": os engenheiros e arquitetos e as inovações espaciais e tecnológicas nas habitações populares de São Paulo (1916-1931). Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2005.
- Hidaka, Lúcia Tone Ferreira. A essência do existir. Um Estudo sobre a Conservação da Autenticidade Tipológica de Áreas Históricas Patrimoniais: O Caso do Centro Histórico de Belém do Pará – C.H.B. Recife: Dissertação, Programa de pós-graduação em desenvolvimento urbano e regional, Centro de Artes e Comunicações da Universidade Federal de Pernambuco, 2000.
- Lemos, Carlos A. C. A República ensina a morar (melhor). São Paulo: Hucitec, 1999.
- McCann, Frank. Soldados da pátria: história do Exército brasileiro 1889-1937. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Oliveira, Alfredo Cesar Tavares de. O bairro de Marechal Hermes: da moradia operária à habitação social (1910-1956). Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2009.
- Reis Filho, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. 11ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- Rodriguez, Helio Suêvo. A formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro. O resgate da sua memória. Rio de Janeiro: Sociedade de Pesquisa para Memória do Trem, 2004.
- Simonsen, Roberto. A Construção dos Quartéis para o Exército. São Paulo, 1931.